

— Na tarde em que nos encontramos em San Leo, eu lhe lembrei os livros de “T” e de “M”.

— Disse-me que também os tinha lido, em sonho, como o outro amigo meu.

— Se é que se pode chamar *sonho*. Todavia, temos de usar termos profanos que traem o conteúdo das palavras. Mas eu sinto que nós nos entendemos. Estou aqui porque tenho algo mais a lhe mostrar, algo que deve ser divulgado, *conhecido*. Antes, porém, de demonstrar-lhe fatos, devo relatá-los.

Voltou a sentar-se, retomou a pasta, estreitando-a ainda mais. Fixou-me intensamente.

— Devo falar de um homem que todos conhecem, Angelo Roncalli.

— João XXIII?

Hesitou, antes de responder. Entreabriu os olhos.

— João — murmurou.

*1935. A vida não é fácil para Angelo Roncalli, arcebispo de Masembria, legado apostólico na Turquia. Ele também, como todos os sacerdotes e religiosos, por motivo de perseguições, deve envergar trajes burgueses. É vigiado, tem dificuldades para se movimentar, os espões estão em toda parte. No entanto, as pessoas que lhe eram próximas viram-no sereno como nunca, sereno além da alegria que sempre soubera transmitir aos outros, sobretudo nos momentos de maiores dificuldades. Precisamente nesse tempo, iniciou o seu contacto com um mundo desconhecido.*

Nessa tarde, Angelo Roncalli recolheu-se cedo ao seu quarto, com a pressa de quem tivesse um encontro. E, em vez disso, deitou-se, depois de se despir sem qualquer ajuda, como sempre tinha feito e faria sempre, mesmo quando pontífice.

Antes de apagar a luz, contemplara as imagens de seus entes queridos, da grande família, nas paredes.

E, cerrando os olhos, continuando a rezar, deixava ir esmorecendo em sua mente as fisionomias da jornada, sobretudo das pessoas mais simples que encontrara. Que podia deles aprender? Ainda rostos, sorrisos, olhos tristes. Em seguida, o sono. Mas nunca saberia se era verdadeiramente um sono. Tinha o seu encontro marcado com o velho do sonho. Mas nunca saberia se era verdadeiramente um sonho.

Tinha-o visto durante seis noites consecutivas. Essa era a sétima. A mais importante, talvez a última.

E ele aparece. Velho, os cabelos alvíssimos, o semblante afilado, a pele escura, os olhos brandos e penetrantes.

— Saberás reconhecer-me?

— Sempre, mestre.

E então, de inopino, surgiram em suas mãos os dois livros sagrados, o de “T” e o de “M”. Mantinha os dois abertos, e as folhas deslizavam. Sobre elas o conhecimento, as palavras do conhecimento, numa língua que Angelo nunca antes compreendera, nunca lera antes. Mas que, logo no primeiro encontro em sonho, talvez não fosse sonho, soubera decifrar.

Leu, e foi fácil. Deus, era tudo tão simples, tudo tão claro! Se também os outros homens o tivessem sabido, o mundo teria sido diferente. Mas Angelo percebia que nem todos podiam saber. Porque eram coisas perigosas. Somente poucos poderiam interpretá-las no sentido exato, empregá-las para o bem. Nas mãos dos perversos, teriam sido armas terríveis contra o homem.

Os dois livros se fecharam. E sobre as suas capas, com as duas letras em prata, em relevo, houve uma luz intensa, maravilhosa, igual à luz que Angelo tinha dentro de si. Impalpáveis, não transmissíveis no uso cotidiano, com os mesquinhos instrumentos deixados aos homens que, nos milênios, tinham renunciado a